

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 1479

Data: 24.04.77

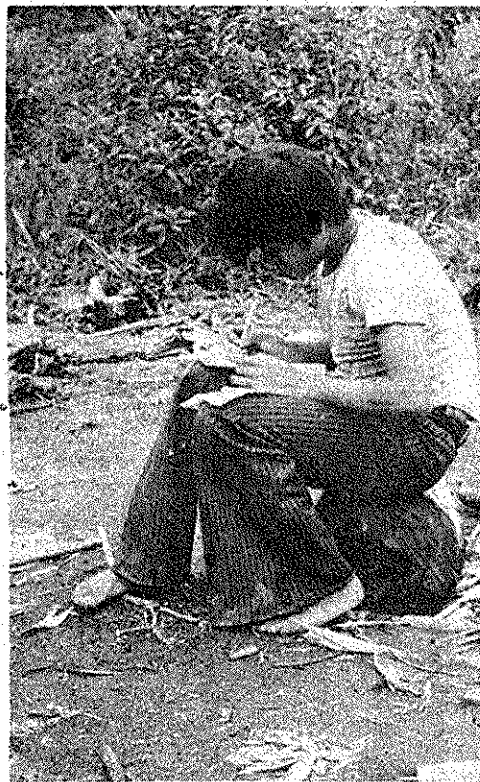
Pg.: \_\_\_\_\_



Um japonês doou uma área de 7 alqueires para os índios morarem. Hoje vivem em 3 alqueires.



Algumas crianças usam crucifixos.



A tradição indígena está desaparecendo.

### A poucos quilômetros da capital, 80 índios guaranis vivem abandonados

CECILIA MELLO

A estrada sinuosa de terra batida, próxima à barragem existente na região de Parelheiros, acaba em uma pequena trilha no meio do mato. Seguindo por ali é que se chega à Vila Guarani, chamado pelos moradores da região de "casa dos índios" porque há quase onze anos vivem ali cerca de 80 guaranis, abandonados, doentes e sem recursos.

No meio de um terreno cheio de pernillongos cada família da Vila Guarani cultiva individualmente sua roça de feijão, milho, mandioca, batata. Nada muito grande. O mínimo para a subsistência. Individualmente também fazem as flechas de guatambu e de cipó de aimbé, trançam cestos de taquara e vão à cidade vendê-los. O que nem sempre dá dinheiro.

A mais velha do grupo, Vitalina Martins da Silva, não se lembra direito das coisas passadas e um dos garotos, que já frequentou escola, ri das tradições indígenas quando lê sobre isso nos livros de história. Algumas crianças possuem medalhas cristãs no pescoço e colares de miçanga comprados na cidade. Há também discussões sobre o Zé Fernandes do programa do Silvio Santos.

Entretanto a grande preocupação dos guaranis não se refere às tradições culturais perdidas e sim à falta de transporte para a cidade - mais próxima e de escolas para as crianças.

"Daqui para a frente todas as raças têm que ter estudo para trabalhar. As crianças têm que estudar. Nós já passamos, eles não". Enquanto diz isso o jovem cacique Nivaldo Martins da Silva folheia desanimadamente uma cartilha da língua guarani. Apesar de ter comparecido por doze dias a um curso de escrita guarani em Brasília, o chefe não sabe ler nada do que está escrito. Só vê as figuras.

Os livros, que guarda cuidadosamente em uma bolsa de plástico preta, foram publicados pelo "Summer Institute of Linguistics" sob o patrocínio do Departamento de Estudos e Pesquisas da Funai. "A mulher americana do posto de Rio das Cobras falava guarani melhor que nós".

Em volta as crianças sorriem, mudas. Os zigomas salientes, os olhos puxados brilhando, os cabelos desgrenhados.

Nem todos chegaram lá há onze anos. Alguns vieram depois, encorajados pela sorte dos precursores. Um japonês "bom, bom mesmo" alojou-os no terreno em que vivem até hoje. O terreno, que tinha 7 alqueires, foi reduzido hoje para apenas 3. Forneceu também telhas para a cobertura das casas. Hoje elas são nove. Algumas cobertas de sapé, paredes de troncos finos alinhados. As primeiras ali construídas são de madeira e possuem telhados como os da cidade.

Não há um alinhamento rígido entre as casas. Apesar de estarem próximas uma das outras, ficam meio escondidas entre o mato. Perto delas gatos espichados, cachorros à procura de comida. No meio dos pequenos roçados, algumas galinhas caipiras.

Rindo muito da pronúncia errada de seus nomes, os índios reúnem-se em pequenos grupos e conversam entre si, sempre na língua guarani.

As crianças cuidam umas das outras, com exceção das mais pequenas que se agarram às mães. Divertem-se com pequenos tocos, papagaios de plástico, brincadeiras comuns a qualquer criança.

Como não têm horários rígidos para cumprir suas obrigações, os adultos preferem trabalhar na própria terra a irem para a cidade à procura de qualquer emprego. Mesmo assim Nivaldo providencia atualmente documentos para todos eles. Carteira de identidade, de trabalho, de saúde, título de eleitor. "Quem prefere, de ir para a cidade depois".

Por enquanto só Francisco Macena, tio de Nivaldo, tem todos os documentos em ordem, até certidão de casamento civil e o "batistério", que lhe deu o padre por ocasião

do batismo de uma de suas filhas. "Somos católicos. Aqui nenhum é crente".

Francisco pretende arrumar emprego logo, mas só depois que for ao Paraná visitar a mãe, que ainda permanece lá. Enquanto morava em Rio das Cobras, naquele estado, Francisco, de nome indígena Cairá trabalhou durante nove anos em uma companhia madeireira. "Um dia pedi para ir embora. Recebi 2 mil e 800 contos". Ri satisfeito, mostrando o relógio Seiko e a falta de dentes na frente.

Abandonados pela Funai, os guaranis precisam sempre de ajuda, para comprar ferramentas, sementes, adubos, roupas. Mas como moravam no posto indígena de Rio das Cobras, o posto da Funai em São Paulo diz que nada pode fazer de concreto por eles. Segundo um dos funcionários do posto, esse de São Paulo é responsável pelo parque do Xingu e os guaranis daqui ainda são filiados ao posto do Paraná. Não há verba em S. Paulo suficiente para dar cobertura a eles, mas apesar disso "de vez em quando providenciamos passagens ou alguma coisa assim".

Uma antropóloga que trabalhou algum tempo junto à Funai, cujo nome os índios não sabem e o funcionário do posto não divulgou, arrumou haja algum tempo pá e enxada para que os guaranis lidassem nos seus roçados. Mais recentemente, quando o feijão de Nivaldo "bichou", a moça trouxe remédio pra por nele e acabar com a doença".

Apesar de acharem as "casas bonitas da cidade", nenhum deles pensa sequer em deixar a Vila. Mesmo a luz elétrica e televisão, que muitos deles gostariam de possuir não os motiva. Segundo Nivaldo, a televisão seria bom "para distrair criança" e a luz para alegrar a casa. Mas como não moram em "casas bonitas", uma fogueira de noite "resolve".

No terreiro em frente à casa de um deles, um bico de mamadeira está jogado na terra. Mais adiante um capacete de segurança, amarelo-vivo. Riem quando perguntados sobre a origem do capacete: "Alguma criança ganhou na cidade". Nenhum deles trabalha ainda com "essas coisas".

Dentro de casa, Alice, mulher do cacique Nivaldo alimenta a pequena filha Indjirá. A criança segura uma terrina de plástico e usa uma grande colher de metal para comer uma mistura de arroz e caldo de farinha.

Enquanto lida com toros de madeira para fazer um rancho, Nivaldo explica que a vida deles seria melhor, se houvesse condução. Voltando a falar do problema refere-se também à escola para as crianças. Francisco lembra o caso de seus filhos.

Dos 5 que possui, 2 estavam no "1.º livro e outro no 2.º livro". Isso o ano passado, quando frequentavam a escola perto da Barragem. Esse ano, quando foi matriculá-los, a professora mandou que Francisco procurasse a escola de Parelheiros, pois não havia mais vaga naquela.

Para chegar a Parelheiros é necessário uma caminhada de mais de 5 km até a Colônia Paulista Japonesa. De lá é que há condução até Parelheiros. Antes havia um trem, "que ia para Santos" que passava próximo da Barragem, mas "depois que parou de passar, só indo a pé mesmo".

A inexistência de vagas na escola mais próxima e a falta de condução impediu que esse ano as três crianças de Francisco continuassem frequentando a escola. Mas, é pior para eles quando há caso de doença. "Se o doente precisar da gente ir até Parelheiros ou até Santo Amaro, morre na certa". Já houve 7 casos de tuberculose entre os índios.

Dizem que uma vez por ano passa por lá um serviço de dentista e que o Pronto-Socorro de Santo Amaro manda algum remédio para eles, "mas em caso de doença de morte, não tem jeito mesmo".

Como prova de resistência do grupo houve 4 mortes de crianças durante o tempo que moravam lá. Nessa época nasceram outras trinta, todas ali mesmo, sem intervenção de parteras ou médicos.